

A CULTURA INTERCONTINENTAL NA INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

INTERCONTINENTAL CULTURE IN RESEARCH IN HUMAN AND SOCIAL SCIENCES

CULTURA INTERCONTINENTAL EN INVESTIGACIÓN EN CIENCIAS HUMANAS Y SOCIALES

 Moisés Fernando Manuel¹

1. Técnico Superior em Filosofia, pela Universidade Católica de Angola. Técnico Superior em Ciência Política pela Universidade Agostinho Neto.
Email: moisesescritorm@gmail.com

RESUMO: Estamos numa época, onde se deposita grande confiança aos postulados científicos, uma confiança que não exime a possibilidade de uma certa traição por parte da ciência ou um certo desejo quimérico por parte do homem em ver tudo esclarecido, dentro dos seus limites conceituais. O objetivo geral deste artigo é analisar como a cultura intercontinental tem sido vista na investigação em Ciências Humanas e Sociais. De modo específico, o artigo objetiva esclarecer a dicotomia entre Ciências Humanas e Ciências Sociais; bem como introduzir a cultura da aproximação como adjacente da cultura intercontinental na investigação em Ciências Humanas e Sociais. Metodologicamente o presente artigo, quanto aos objetivos espelhados é uma pesquisa exploratória, quanto aos procedimentos é uma pesquisa bibliográfica, fazendo recurso aos estudos já feitos por outros pensadores, tais como Adorno (2002), Martins (2002), Hall (2006). A cultura intercontinental na investigação em Ciências Humanas e Sociais deve ser reforçada por um novo substrato cultural, a cultura da aproximação, o sentido dos termos são os mesmos já conhecidos, a sua aplicação na investigação terá como intuito lembrar aos investigadores em Ciências Humanas e Sociais, que o centro de suas investigações é o homem, todos os outros elementos devem estar ligados com este e entre si.

Palavras-chave: Cultura intercontinental; Investigação; Ciências Humanas e Sociais.

ABSTRACT: We are in an era where great trust is placed in scientific postulates, a trust that does not exempt the possibility of a certain betrayal on the part of science or a certain chimerical desire on the part of man to see everything clarified, within its conceptual limits. The general objective of this article is to analyze how intercontinental culture has been seen in research in Human and Social Sciences. Specifically, the article aims to clarify the dichotomy between Human Sciences and Social Sciences; as well as introducing the approach culture as adjacent to the intercontinental culture in research in Human and Social Sciences. Methodologically, this article is an exploratory research in terms of the mirrored objectives, and in terms of procedures, it is a bibliographical research, resorting to studies already carried out by other thinkers, such as Adorno (2002), Martins (2002), Hall (2006). The intercontinental culture in research in Human and Social Sciences must be reinforced by a new cultural substrate, the culture of approximation, the meaning of the terms are the same as already known, its application in research will aim to remind researchers in Human and Social Sciences, that the center of his investigations is man, all other elements must be linked with him and with each other.

Keywords: Intercontinental culture; Investigation; Human and Social Sciences.

RESUMEN: Estamos en una era donde se deposita una gran confianza en los postulados científicos, confianza que no exime de la posibilidad de cierta traición por parte de la ciencia o de cierto deseo quimérico por parte del hombre de ver todo esclarecido, dentro de sus límites conceptuales. El objetivo general de este artículo es analizar cómo se ha visto la cultura intercontinental en la investigación en Ciencias Humanas y Sociales. Específicamente, el artículo pretende esclarecer la dicotomía entre Ciencias Humanas y Ciencias Sociales; así como introducir la cultura de enfoque como adyacente a la cultura intercontinental en la investigación en Ciencias Humanas y Sociales. Metodológicamente, este artículo es una investigación exploratoria en cuanto a los objetivos espejados, y en cuanto a los procedimientos, es una investigación bibliográfica, recurriendo a estudios ya realizados por otros pensadores, como Adorno (2002), Martins (2002), Hall (2006). La cultura intercontinental en investigación en Ciencias Humanas y Sociales debe ser reforzada por un nuevo sustrato cultural, la cultura de la aproximación, el significado de los términos son los mismos que ya se conocen, su aplicación en investigación tendrá como objetivo recordar a los investigadores en Ciencias Humanas y Sociales, que el centro de sus investigaciones es el hombre, todos los demás elementos deben estar vinculados con él y entre sí.

Palabras-llave: Cultura intercontinental; Investigación; Ciencias Humanas y Sociales.

Recebido em: 27/05/2023

Aprovado em: 31/07/2023



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

Estamos numa época, na qual se deposita grande confiança aos postulados científicos, uma confiança que não exige a possibilidade de uma certa traição por parte da ciência ou um certo desejo quimérico por parte do homem em ver tudo esclarecido, dentro dos seus limites conceituais.

O principal objetivo das ciências teóricas, como é o caso das Ciências Humanas e Sociais, é a busca e o alcance de explicações, que não somente satisfaçam o intelecto do homem, mas que tratem das coisas da maneira mais próxima ao que elas são.

Ao longo do processo de busca das explicações da realidade, as ciências tendem a constituir hábitos e práticas procedimentais, no caso das Ciências Humanas e Sociais, optam por uma abordagem intercontinental, fazendo recursos a diversos métodos, alcançando diversos resultados, alguns dos quais longe de trazerem soluções aos variados problemas de nível intercontinental.

A cultura intercontinental na investigação em Ciências Humanas e Sociais deve ser reforçada por um novo substrato cultural, a cultura da aproximação, o sentido dos termos são os mesmos já conhecidos, a sua aplicação na investigação terá como intuito lembrar aos investigadores em Ciências Humanas e Sociais, que o centro de suas investigações é o homem, todos os outros elementos devem estar ligados com este e entre si.

O objetivo geral deste artigo é analisar como a cultura intercontinental tem sido vista na investigação em Ciências Humanas e Sociais. De modo específico, o artigo objetiva esclarecer a dicotomia entre Ciências Humanas e Ciências Sociais; bem como introduzir a cultura da aproximação como adjacente da cultura intercontinental na investigação em Ciências Humanas e Sociais.

A relevância deste artigo é demonstrada no facto de que nos dias atuais, tem se feito muita busca especulativa sobre diversos assuntos abarcados pelas Ciências Humanas e Sociais, onde o homem é colocado de maneira isoladíssima, bem como as sociedades, procurando de maneira intencional não estabelecer ligações entre diversas realidades, que naturalmente sejam necessárias para a resolução de um problema social e da humanidade.

Metodologicamente o presente artigo, quanto aos objetivos espelhados é uma pesquisa exploratória, pois, tenciona explicitar as bases culturais que devem nortear as investigações em Ciências Humanas e Sociais, quanto aos procedimentos é uma pesquisa bibliográfica, fazendo recurso aos estudos já feitos por outros pensadores, tais como Adorno (2002), Martins (2002), Hall (2006).

A estrutura do presente artigo comporta três pontos, no primeiro foi feita uma análise sobre a forma correta entre dizer Ciências Sociais e Humanas, Ciências Sociais ou Humanas. No segundo ponto abordamos sobre o centro da investigação em Ciências Humanas e Sociais; no último ponto apresentamos

a abordagem principal do artigo, a compreensão do que é cultura intercontinental tendo em conta a cultura da aproximação.

Debate inicial: Ciências Sociais e Humanas, Ciências Sociais ou Humanas – qual é o correto?

A primeira discussão que se levanta em torno do nosso tema é referente a pergunta, qual seria a expressão correta, entre «Ciências Humanas e Sociais», «Ciências Sociais ou Humanas» ou, simplesmente, «Ciências Sociais» ou «Ciências Humanas».

Esta discussão é quase inexistente porque para muitos, pouco importa, por isso, em termos bibliográficos é difícil de ser constatada, não obstante a isso, a mesma é de extrema importância por ser um esforço intelectual positivo, na medida que pretende precisar uma situação, até certo ponto, que traz consigo anomalias.

A primeira expressão apresenta o conector aditivo (e) entre Ciências Sociais e Humanas, indicando que há inclusão das Ciências Sociais nas Ciências Humanas, isto é, distinguem-se, havendo uma necessidade de inclusão e complementaridade entre ambas.

Na segunda expressão há a presença da disjunção (ou), ora, a disjunção pode representar igualdade – do latim *disjunctione* significa idem (o mesmo)¹ – nesta primeira percepção da disjunção entende-se haver em «Ciências Humanas ou Ciências Sociais», uma relação possível de se substituírem e o sentido permanecer, ou seja, esta expressão quer dizer que as Ciências Sociais e as Ciências Humanas são as mesmas coisas.

Uma segunda interpretação de disjunção estampa a ideia de exclusão², isto é, os seres de dois elementos em comparação são distintos, se ocorrer uma substituição, o sentido será o outro, essa espécie de disjunção distancia-se mais da primeira espécie do que da adição, uma vez que tanto a adição (e) quanto a conjunção (ou) traduzem distinção entre os termos relacionados, entretanto, enquanto o conetivo (e) indica integração entre os elementos, a conjunção (ou) indica alternância.

Fazendo uma radiografia das nomenclaturas de algumas universidades e faculdades, nacionais e internacionais, poderemos entender esta problemática.

A sede das Ciências Sociais e Humanas: o homem quem é ele?

Saber que o objeto de estudo das Ciências Sociais e Humanas é o homem, não satisfaz o intelecto, surge a questão filosófica que ecoa desde os primórdios da humanidade, diante da referida questão ninguém

¹ Cfr. Porto Editora – **disjunção no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa** [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/disunção> Consulta: 05.12.2021, 10:04:28.

deve estar indiferente, ninguém deve encará-la como superficial, já que toda nossa vida procura ser compreendida pelo entendimento da referida questão: o homem quem ele é?

Se tivermos que apresentar um conceito de homem, que seja tão consensual, teremos de tomar a noção de Santo Agostinho, segundo a qual o homem é um grande mistério, a ideia de mistério não deve ser uma escapatória para o próprio homem deixar de procurar o conhecimento de si próprio, tal como o oráculo de Delfos disse à Sócrates, mas sim é um incentivo para dizer como Sócrates diz ‘sei que nada sei’, e agir como ele agiu, examinar a nossa vida, já que uma vida não examinada não merece ser vivida.

Ao examinar o homem, deu-se origem à várias teorias sobre ele, tais teorias representam a visão e intensão interpretativa de quem examina-o, assim o homem é visto na dimensão *materialista*, Karl Marx, Ludwig Feurbach, Friedrich Engels, são alguns dos pensadores que defendem tal perspectiva; numa dimensão voluntarista, tendo em Johann Friedrich Herbart, Arthur Shopenhauer, Eduard von Hartmann, Sóren Kierkegaard, Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud, Carl Jung, uns dos grandes defensores; o homem também é visto numa perspectiva *espiritualista-religiosa*, Tomás de Aquino, Santo Agostinho, Henri Bergson, Maurice Blondel, os dois primeiros são pensadores medievos e os dois últimos contemporâneos que defendem tal perspectiva; nos primórdios da reflexão sobre o homem existiu a dimensão *social*, defendida na Antiga Grécia por Aristóteles, na idade Moderna por John Locke, Tomas Hobbes, Augusto Conte, Emile Durkhein e outros, uma outra dimensão é a dimensão virtuosa, refletida por Sócrates.

Poderíamos elencar outras dimensões, mas entendemos nós que não passariam de especificações das dimensões já elencadas, resta-nos, agora, entendermos quem é o homem olhado e penetrado numa destas dimensões.

Qual será a compreensão de Cultura Intercontinental?

Nos dias de hoje, falar de Cultura e Intercontinental leva-nos a falar de vários elementos materiais, mídia, redes sociais, a mecânica, eletrônica e eletricidade, elementos todos resumidos no termo *tecnologia* e elementos imateriais resumidos em *poder*.

A entrada da técnica na vida — a junção da bios com a technê —, é notada no dia-a-dia do homem com grande evidência nas biotecnologias, nos implantes, nas próteses, na engenharia genética, não apenas nestas tecnologias, mas também nas TICs, especificamente a fotografia, o cinema, a televisão, a multimídia, as redes cibernéticas e os ambientes virtuais, tais novidades são para nós próteses produtivas de sentimentos e sensações, pois, estimulam nosso intelecto e nossos sentidos (MARTINS, 2002).

Para muitos estudiosos essa "promiscuidade" é causadora de fortes crises de ordem humana e social. Os primeiros elementos colocam como objetivos das Ciências Sociais e Humanas o debate sobre a

técnica e o papel que as novas tecnologias têm na redefinição da cultura, ou seja, na delimitação do humano, já que o homem é a sua cultura.

Os elementos ligados aos poderes defendem que há uma tendência de um grupo controlar os demais, mediante construções e imposições de culturas expressas como *Indústria Cultural*.

A indústria cultural tem a tendência de se converter em um conjunto de protocolos, e, por essa mesma razão, de se tornar o irrefutável profeta do existente. Entre a alternativa representada pela falsa notícia individualizada e pela verdade manifesta, ela sai pela tangente, habilmente repetindo este e aquele fenômeno, opondo sua capacidade ao conhecimento e erigindo a ideal o próprio fenômeno em sua continuidade onipresente (ADORNO, 2002, p. 57).

Diante desta realidade cultural, onde os dois elementos citados colocam a cultura cada vez mais mutável e alterada, é de salientar que é normal que isso aconteça, é tão normal ao ponto que desejemos que aconteça. Muitos dizem que o processo de globalização vem tornando as sociedades unificadas em termos de hábitos e costumes, porém, um olhar atento dirá o contrário:

As sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela diferença, elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes posições de sujeitos, isto é, identidades – para os indivíduos (HALL, 2006, p. 17).

As sociedades não experimentarão a desintegração social em espécie de um *apagão cultural* como se procura passar a ideia, já que sempre haverá um equilíbrio de tendências individuais, isto é, entre as demais identidades. “Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, serem conjuntamente articulados” (ibidem), esta articulação pode ser estável ao ponto de salvaguardar as identidades particulares, mas não assegura que a estrutura cultural fique fechada em si, “essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta” (ibidem), assim, devemos estar sempre preparados para experimentar um deslocamento cultural, tal deslocamento é visto nos dias de hoje como algo ruim, porém, o deslocamento “não deveria nos desencorajar: o deslocamento tem características positivas. Ele desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas articulações: a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos” (idem, pp. 17-18).

No meu entender, este deslocamento cultural que se verifica nos dias de hoje, ergueu uma outra cultura que é a da *Aproximação*.

A cultura da *Aproximação* supera os medos e os pessimismos que vigoram em várias análises sobre a Cultura Intercontinental, ela é uma forma, não apenas, positiva, mas realista de ver o mundo, já que o nosso ser e estar aqui no mundo, deve ser guiado pela verdade de que não estamos sós no mundo, há em

cada canto do mundo o nosso próximo, por isso, não devemos dar espaço nem razões para a pergunta «quem é o meu próximo», uma vez que todo o ser humano é nosso próximo.

A cultura da aproximação é o antídoto de grandes males sociais e científicos. Uma reflexão científica feita na base desta cultura, em nenhum momento dirá que existem raças, porque a ideia de raças até ao momento é assegurada por ideologias separatistas, um exame de sangue, por exemplo, nunca distinguirá um angolano de um brasileiro como negros e brancos, tal como nunca distinguirá um morador da Amazônia de um residente de Ribeirão Preto.

A humanidade tem passado por variadíssimas situações problemáticas, mas não se tem encontrado soluções satisfatórias, não porque elas não existam, mas porque não se quer encontrar e as especulações científicas, muita das vezes, não só ficam sem ação diante dos problemas sociais e da humanidade, mas ajuda na desinformação e no insucesso da própria busca das explicações satisfatórias e que resolveriam os problemas, tudo porque são guiadas por bases culturais que não aproximam os homens entre si e com a sua própria realidade.

Com a *cultura da aproximação*, será objetivo das Ciências Humanas e Sociais, construir modelos teóricos que descrevam e resolvam problemas, pela elaboração de estratégias, que abordem as dificuldades com as quais o homem se debate, quer sejam individuais ou coletivas. Deverão também idealizar e constituir questões determinantes de índole valorativa, teleológica e existencial do agir humano.

Considerações Finais

No final do raciocínio apresentado sobre a Cultura Intercontinental na investigação em Ciências Humanas e Sociais, pretendemos apresentar algumas palavras conclusivas, tendo em conta que os objetivos que nos propomos, forma cumpridos.

A investigação em qualquer área do saber é guiada por uma base cultural investigativa e no que toca às Ciências Humanas e Sociais, estas, já acompanhadas pela cultura investigativa intercontinental, deve ser embasada pela cultura da aproximação, uma cultura preocupada, não só, com a busca de explicações, mas de soluções reais aos diversos problemas que se propõe a estudar.

Se considerarmos que as Ciências Humanas e Sociais estejam atravessando um momento de estagnação, então, este momento poderá ser ultrapassado se houver um acerto na base cultural investigativa pela qual elas são guiadas.

A Cultura Intercontinental reforçada com a cultura da aproximação, apresenta-se, não só como um avanço especulativo da própria ciência, mas efetuará um renovamento da maneira de como o homem, enquanto sede de toda a especulação científica, poderá ser pensado e protegido, é mister lembrar, que não o homem isolado, mais um homem social e humano.

Referências

ADORNO, T. W. **Indústria Cultural e Sociedade**. (5^a ed.) São Paulo: Paz e Terra. 2002.

HALL, S. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

MARTINS, M. L. **A linguagem, a verdade e o poder**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia. 2002.